

Do periódico ao literário: da efemeridade à permanência em *A vida como ela é...*

*From the periodical to the literary: from the ephemeral to the permanency
in A vida como ela é...*

Sandra Maria P. do Sacramento
Shirley Pereira Cardoso

UESC – Brasil



Resumo: Este artigo versa sobre a obra *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues, que se apresentou, inicialmente, sob a forma de coluna jornalística, passando, mais tarde, ao livro; assim, mostra como esta obra passa de um meio efêmero (jornal) a outro permanente (livro). Observando também as influências temáticas e estilísticas, bem como a atualidade que esta obra congrega.

Palavras-chave: Periódico; Literatura; Nelson Rodrigues

Abstract: This article focuses on *A vida como ela é...*, of Nelson Rodrigues, who presented, initially, in the form of newspaper column, moving later, to the book; so this shows how work passes from one medium ephemeral (newspaper) the other permanent (book). Noting also the thematic and stylistic influences, as well as the actuality that this work brings.

Keywords: Periodical; Literature; Nelson Rodrigues

Introdução

“*A vida como ela é...* se tomou justamente útil pela sua tristeza ininterrupta e vital. Uma pessoa que só tenha do mundo uma visão unilateral e rósea, e que ignore a face negra da vida, é uma pessoa mutilada”.

NELSON RODRIGUES

Esta frase de Nelson Rodrigues foi dita num momento em que, alguns apontavam *A vida como ela é...* como uma narrativa triste e cruel; contudo, o autor não nega esta característica da obra e de suas outras produções, pois compartilha do entendimento de que a realidade precisa ser revelada, doe a quem doer. Assim, a ficção e a realidade estão presentes e estabelecem um limite muito tênue em sua narrativa. É, a partir da realidade, que surge a inspiração para se fazer a ficção e o próprio autor se nomeia ficcionista.

A vida como ela é..., escrita em um periódico no intervalo de 1951 a 1961 e, posteriormente, publicada em livro, em 1961, representa a sociedade carioca neste período, tendo como pano de fundo as relações

familiares e amorosas; assim sendo, muitas histórias são inspiradas nas notícias veiculadas na seção de crimes do jornal e, por isso, são trágicas, recobertas com humor negro e romantismo. Da mesma forma, também serve de inspiração à própria vida do autor, revestida de altos e baixos.

Com relação à literatura, abordaremos a relação amor/ódio, desencadeada pelo autor e sua obra, que era rejeitado por critérios morais, por trazer objetividade e por apresentar uma linguagem simples. Estas duas últimas características estariam vinculadas ao jornalismo que praticava, desde os treze anos de idade. Além disso, seus textos eram curtos, trazendo gírias e expressões cotidianas. Talvez por este estilo de narrar as histórias, *A vida como ela é...* tenha alcançado tanto sucesso, a ponto de ser escrita todos os dias, ao longo de dez anos e ser leitura de pessoas interessadas em distração e rapidez (agilidade), a caminho do trabalho.

A vida como ela é... reflete também a atualidade, pois mostrava uma sociedade com desgastes e com novos paradigmas para as relações familiares e amorosas, o que

chocou na época e revelou as mazelas, ainda presentes na sociedade contemporânea. Assim, a temática rodrigueana é considerada atemporal.

Assim sendo, taxar a obra rodrigueana apenas sob o prisma de transgressora é muito reducionista ou caricatural, da mesma forma que considerar sua produção machista, uma vez que, ao estilo desconstrucionista *derridiano*, opera uma desconstrução dos clichês e revela as máscaras sociais.

A época retratada em *A vida como ela é...* é definida como *Anos Dourados*, devido a ser, imediatamente posterior à II Guerra Mundial e por trazer o progresso científico, tecnológico e cultural. A capital federal era o Rio de Janeiro neste período, servindo de referência para as demais cidades brasileiras e lugar-comum das narrativas rodrigueanas, o que criou o imaginário social a seus leitores acerca da cidade e dos cariocas.

Ao abordar a família como gênese de sua obra, Nelson Rodrigues demonstra seu interesse pela temática feminina, revelando como eram socializadas e dando margem à contestação de determinadas posturas. Ademais, esta abordagem se centrará no texto literário, no autor, enquanto ser social, produtor de *A vida como ela é...*; além do mais, busca o contexto, observando a adesão ou rejeição a um determinado período literário ou a um segmento e, ao mesmo tempo, à concepção do texto em si, através da ousadia na escolha de temática, seus modos de articulação e suas relações com os outros textos da cultura.

A coluna e o livro *A vida como ela é...*

Nelson Rodrigues começou a escrever *A vida como ela é...*, que resultariam no livro e, posteriormente, na série televisiva, em sua coluna diária no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, em 1951; este, queria que a nova coluna se chamasse *Atire a primeira pedra*, mas o autor sugeriu *A vida como ela é...* e a sugestão foi aceita. Segundo Beatriz Polidori Zechlinski (2007), Wainer propôs que a temática fosse sobre acontecimentos trágicos e verídicos; por isso, as histórias, inicialmente, eram baseadas em fatos reais, sendo editadas junto à seção de crimes. Com o passar do tempo, “as histórias perderam esse caráter de verdade, dando maior liberdade ao escritor, que passou a inventá-las” (ZECHLINSKI, 2007: 3).

As histórias de *A vida como ela é...* logo se tornaram populares, por seu fácil acesso (jornal), linguagem objetiva, textos curtos e com o uso de gírias/expressões faladas à época:

As gírias estavam em todo lugar. Homem bonito era um pão; algo muito bom era bárbaro; uma pessoa charmosa tinha borogodó; se alguém queria se exibir,

tirava uma chinfra; o fácil era sopa no mel; e se você bobeasse estava marcando touca.¹

Assim, as pessoas liam nos bondes, a caminho de casa. Ao mesmo tempo, as histórias causavam familiaridade e estranheza, características próprias da transgressão moral rodrigueana. Quanto às reticências no título desta obra, pode-se dizer que, ao instituí-las, Nelson Rodrigues convida o seu leitor a aprofundar a imaginação e a subjetividade, através das narrativas, pois, seguindo sua observação do dia-a-dia, o autor criou personagens completamente verossímeis e passíveis de serem encontrados na vida cotidiana.

Nelson Rodrigues era considerado maldito, marginal, pervertido, demoníaco, pornográfico e obsessivo, isso porque seus temas eram escandalosos para a época (década de 50 do século XX), visto que giravam em torno de amor, sexo e adultério. Questionado sobre o porquê de sua obra tratar sobre sexo, Nelson Rodrigues respondeu ironicamente afirmando: “[...] ‘isso’ é amor. Há nesta pergunta um fundo de indignação que eu não devia compreender e que talvez não compreenda mesmo. Afinal de contas, por que o assunto amoroso produz esta náusea incoercível?” (RODRIGUES, 1949: 20). *A vida como ela é...* chegou ao final, em 1961, e, segundo Ruy Castro (1992), Nelson Rodrigues criou cerca de duas mil histórias.

O livro foi lançado, pela primeira vez, em 1961, pela editora J. Ozon, em dois volumes, intitulado *Cem contos escolhidos*, selecionados pelo próprio Nelson Rodrigues. Em 1992, a Companhia das Letras lançou *A vida como ela é... O homem fiel e outros contos*, com seleção de Ruy Castro, reunindo quarenta e cinco histórias dentre as cem favoritas de Nelson Rodrigues. Em 2006, a editora Agir compilou os dois volumes da primeira edição de *A vida como ela é...*, com as cem histórias reunidas em um único volume.

Além do sucesso no jornal e em livro, *A vida como ela é...* inspirou, na década de 1960, um programa de rádio, narrado por Procópio Ferreira, assim como um disco e uma fotonovela. Em 1978, uma das histórias deu origem ao filme *A Dama do Lotação*, com Sônia Braga, sob a direção de Neville de Almeida. Na década de 1990, tornou-se um grande sucesso no teatro, em encenação dirigida por Luiz Arthur Nunes, até chegar ao horário nobre da TV Globo, dirigida por Daniel Filho e Denise Saraceni.

¹ Informação extraída do site do jornal *Diário do Grande ABC*, intitulado “A separação há 50 anos” e publicado em 18/05/2008. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Columnists/Posts/28/131/A%20separa%C3%A7%C3%A3o%20h%C3%A1%2050%20anos.aspx>>. Acesso em: 03 jul. 2010.

Constatando que uma possível fonte de influência, acerca de suas temáticas, seja a sua própria vida, cabe aqui, abordar a biografia de Nelson Rodrigues. O autor nasceu em Recife-PE, em 23 de agosto de 1912, sendo o quinto filho de catorze irmãos do casal Maria Esther Falcão e do jornalista Mário Rodrigues. Seus irmãos eram: Milton, Roberto, Mário Filho, Stella, Joffre, Maria Clara, Augustinho, Irene, Paulo, Helena, Dorinha, Elsinha e Dulcinha.

Devido a problemas políticos, em 1916, seu pai Mário, então deputado e jornalista do *Jornal do Recife*, resolve mudar-se para o Rio de Janeiro, levando consigo toda a família; foram morar na Zona Norte da cidade, local que, mais tarde, faria parte de muitas histórias rodrigueanas, assim como serviu de inspiração às suas personagens. Em 1920, um fato o marcou e, segundo ele, o iniciou na ficção, quando escreveu uma redação na sala de aula da Escola Prudente de Moraes, cujo tema era o adultério²; este, que seria recorrente em sua produção. Segundo o site *Releituras*³, ainda nessa época, Nelson Rodrigues adotou a leitura como passatempo, por influência de seus irmãos mais velhos, leu “romances mais ‘pesados’”⁴, cuja temática central era “a morte punindo o sexo ou o sexo punindo a morte”⁵.

Em 1925, seu pai criou o jornal *A Manhã* e, aos treze anos, Nelson Rodrigues inicia sua carreira jornalística, como repórter policial, impressionando a todos por sua capacidade de dramatizar os fatos. Nesta época, ocorreu também a descoberta do futebol, uma paixão que conservaria por toda a vida, lhe marcaria o estilo literário e tornariam suas crônicas futebolísticas famosas. Em 1927, sua irmã Dorinha morre, aos nove meses, de gastroenterite. Nesse mesmo ano, Nelson pára de estudar no 3º ano do Ensino Fundamental, mesmo a contragosto do pai.

Em 1929, ocorre um fato que marcou profundamente os Rodrigues, o assassinato de Roberto Rodrigues, irmão de Nelson, cometido por Sylvia Seraphim, escritora que viu sua vida exposta, devido ao seu divórcio, na primeira página do jornal *Crítica*. Na verdade, Sylvia queria assassinar Mário Rodrigues, porém, como este não estava, acabou atingindo Roberto, que morreu dias depois; Sylvia foi absolvida. Segundo o site *Releituras*, “a notícia sobre o divórcio só foi veiculada para o diário não sair sem assunto, já que era o primeiro dia após o Natal”⁶. Pouco mais de dois meses depois, Mário Rodrigues, profundamente abalado pela morte do filho, falece, vítima de trombose cerebral.

Em 1930, o jornal *Crítica* encerrou suas atividades, devido à Revolução de 30, pois era contrário a Getúlio Vargas, que assumiu o governo brasileiro. Assim, todos os Rodrigues ficaram desempregados, até que Roberto Marinho, dono do jornal *O Globo* convidou Mário Filho

para assumir a página de esportes, levando junto seus irmãos, Nelson e Joffre; entretanto, apenas Mário Filho recebia salário.

Em 1934, Nelson Rodrigues foi diagnosticado com tuberculose, indo para Campos do Jordão-SP, em busca de tratamento, fato que se repetiria ainda em outras ocasiões; como sequela da doença, ele perdeu 30% da visão. Em 1936, seu irmão, Joffre, também foi diagnosticado com a mesma doença, falecendo meses depois. Já, em 1937, conhece Elza, nova contratada do jornal e se casam três anos depois. Com Elza, teve dois filhos: Joffre e Nelsinho.

Quanto à sua incursão nas artes, esta teve início devido às dificuldades financeiras, quando percebeu que o teatro rendia uma boa quantia e, em 1941, escreveu sua primeira peça, *A mulher sem pecado*, que foi encenada em 1942, sob a direção de Rodolfo Mayer. Em 1943, escreveu o seu grande sucesso, a peça *Vestido de noiva*, conhecida como a obra inaugural do teatro moderno brasileiro, encenada por Zbigniew Ziembinski, um polonês recém-chegado ao Brasil.

Após o sucesso de *Vestido de noiva*, Nelson Rodrigues inicia a série de peças que ele mesmo denominou de “teatro desagradável”.⁷ Dentre elas, estavam: *Álbum de família* (1946), censurada e liberada apenas em 1965; *Anjo Negro* (1947), que lhe gerou lucros, permitindo a compra de sua primeira casa; *Senhora dos afogados* (1947); *Dorotéia* (1949), escrita em homenagem à Eleonor Bruno, sua então amante; *Valsa nº 6* (1951); *A falecida* (1953); *Perdoa-me por me traíres e Viúva, porém honesta* (1957); *Os sete gatinhos* (1958); *Boca de Ouro* (1959), inspirada em um motorista de táxi que tinha vinte e sete dentes de ouro e no bicheiro do submundo carioca, Arlindo Pimenta; *Beijo no asfalto* (1960); *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (1962); *Toda nudez será castigada* (1965); *Anti-Nelson Rodrigues* (1973) e *A serpente* (1978).

Como sempre procurava “bicos” que permitissem um ganho extra, pois continuava ajudando sua mãe financeiramente, ofereceu-se para escrever um folhetim na revista *O Cruzeiro*, assinando com o pseudônimo de Suzana Flag e cujo título era *Meu destino é pecar*; depois, ainda usando o mesmo pseudônimo, publicou *Escravas*

² Op. cit., ver nota 1.

³ Informação extraída do site *Releituras*. Disponível em: <http://www.releituras.com/nelsonr_bio.asp>. Acesso em: 20 dez. 2008.

⁴ Ibid., dentre os romances estavam: “*Rocambole*, de Ponson du Terrail, *Epopéia do Amor*, *Os Amantes de Veneza* e *Os Amores de Nanico*, de Michel Zevaco, *O Conde de Monte Cristo* e as *Memórias de um Médico*, de Alexandre Dumas, os fascículos de *Elzira, a Morta-Virgem*, de Hugo de América, e outros mais”.

⁵ Informação extraída do site <<http://www.moisesneto.com.br/estudo61.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2008.

⁶ Op. cit., site *Releituras*, ver nota 3.

⁷ Segundo o próprio autor, “porque são obras pestilentas, fétidas, capazes, por si sós, de produzir o tifo e a malária na platéia” (RODRIGUES, 1993, p. 37), provocando a aversão do público por seus temas polêmicos.

do amor (1944) e *Minha vida* (1946), ambos para *O Cruzeiro*; além de *Núpcias de fogo* (1948), *O homem proibido* (1951) e *A mentira* (1953). Também utilizou outro pseudônimo, Myrna, quando escreveu *A mulher que amou demais* (1949).

Em 1951, o autor vai para o Jornal *Última Hora*, onde começou a escrever *A vida como ela é...* No início dos anos 60 do século XX, Nelson Rodrigues cria a peça *Beijo no asfalto*, a pedido de Fernanda Montenegro e de seu marido Fernando Torres. Nessa mesma época, o autor começa a participar do programa esportivo *Grande resenha Facit*, na TV Rio. Em 1962, transfere-se para o jornal *O Globo*, onde escreveu as colunas *À sombra das chuteiras imortais* e *As confissões*.

Em 1963, a pedido de Walter Clark, escreveu a primeira novela brasileira – *A morte sem espelhos* –, que sofreu censura e o autor teve que encerrá-la rapidamente; depois, veio *Pouco amor não é amor* (1963). Por considerarem o nome de Nelson Rodrigues como alvo de censura, sua novela seguinte, *Sonho de Amor* (1964), teve seu nome anunciado como adaptador da obra *O Tronco do Ipê*, de José de Alencar. No mesmo ano, escreve sua última novela para a TV, chamada *O Desconhecido* (1964), liberada graças a Walter Clark.

Em 1966, Nelson Rodrigues, a convite de Walter Clark, começou a trabalhar na *TV Globo*, sendo apresentador do quadro *A cabra vadia*, no programa *Noite de gala*, onde entrevistava personalidades. No mesmo ano, escreveu *O Casamento*, que foi um sucesso editorial, “empatando com as vendas do novo romance de Jorge Amado, *Dona Flor e seus dois maridos*”.⁸ Neste ano, seu irmão, Mário Filho, morre, vítima de ataque cardíaco, já reconhecido como “o maior jornalista esportivo de todos os tempos”⁹ e, em sua homenagem, o antigo *Estádio Municipal do Maracanã* ganhou o nome de *Estádio Jornalista Mário Filho*. Meses depois, sua cunhada e viúva de Mário Filho, Célia, se suicida. Estes fatos deixaram Nelson Rodrigues deprimido. Já recuperado, em 1967, escreveu as crônicas *Memórias*, que foi um enorme sucesso. No mesmo ano, outra tragédia, o prédio, onde seu irmão Paulo, a esposa e os filhos moravam, desaba devido às fortes chuvas no Rio de Janeiro; todos eles morreram, juntamente com outros familiares, que comemoravam o aniversário da cunhada do autor.

Nos anos 70 do século XX, ocorre a ditadura militar no Brasil e Nelson Rodrigues assume uma postura muito criticada, devido à sua amizade com os militares; porém, cabe aqui mencionar que o autor teve amigos (Hélio Pellegrino e Zuenir Ventura), assim como seu filho, Nelsinho,¹⁰ presos em 1970 e 1972, respectivamente. Segundo o site *Releituras*, “[...] de 1969 a 1973, [Nelson Rodrigues] teve participação ativa na localização, libertação ou fuga de diversos suspeitos de crimes

políticos”, inclusive seu filho, que ele empenhou-se para localizar e mantê-lo vivo, uma vez que a tortura era frequente. No final do ano de 1973, Nelson Rodrigues escreveu o livro *Anti-Nelson Rodrigues* e, em 1979, escreve sua última peça teatral, *A Serpente*. O falecimento do autor aconteceu em 21 de dezembro de 1980. Dois meses depois, Elza realizou um pedido de Nelson Rodrigues, gravando seu nome ao lado do dele na lápide, sob a inscrição: “Unidos para além da vida e da morte. É só”.¹¹

Com este relato, fica claro que a rejeição à obra rodrigueana, é eminentemente moral e começa com a censura a algumas de suas peças. Entretanto, com o passar dos anos e, com sua morte, Nelson Rodrigues alcançou notoriedade e hoje é considerado o maior dramaturgo brasileiro. Para Angela Leite Lopes (2007), o autor era incompreendido:

Não se conseguia entender o que o autor podia querer dizer com obras como essas. A interpretação habitual era de que se tratava de um moralista, que se encarnecia [*sic.*] em mostrar os malefícios do pecado, da tentação. Liam-no ao pé da letra, o que incentivava declarações polêmicas do autor, que se comprazia em jogar com as ambigüidades que ele próprio suscitava em torno de seus pensamentos (LOPES, 2007: 88).

Por isso, até hoje se discute suas frases polêmicas, como “mulher gosta de apanhar” que, na verdade, reflete uma provocação do autor, como conta Elza Bretanha, viúva de Nelson Rodrigues, em entrevista a Leandro Mazzini (2000):

Um caso interessante não me escapa da memória. Certa vez o Nelson presenciou uma situação familiar. O marido bateu muito na mulher, e apesar de apanhar, ela ficou ainda mais apaixonada pelo homem. Então Nelson criou aquela famosa frase: ‘Mulher gosta de apanhar’; porém, o Nelsinho, com 11 anos, estava no colégio militar, e o pessoal de lá lhe perguntava: ‘sua mãe já apanhou hoje?’. Era uma espécie de distração para o público.¹²

Segundo Ruy Castro (1992: 241), não era bem isso o que ele queria dizer, mas sim “que mulher pode gostar de um *banana*?” Todavia, Nelson Rodrigues não quis esclarecer, por considerar burros aqueles que

⁸ Op. cit. site *Releituras*, ver nota 3.

⁹ Op. cit. site *Releituras*, ver nota 3.

¹⁰ Op. cit. site *Releituras*, ver nota 3. Nelsinho (codinome *Prancha*) era um dos terroristas mais procurados pelas forças armadas, mas, mesmo assim, Nelson Rodrigues conseguiu, junto ao General Médici, que ele saísse do país; porém, Nelsinho não aceitou o privilégio.

¹¹ Op. cit. site *Releituras*, ver nota 3.

¹² Entrevista concedida a Leandro Mazzini, em 2000. Disponível em: <http://www.leandromazzini.com.br/ent_10.php>. Acesso em: 01 jun. 2010.

não a entenderam e o equívoco ainda perdura. Assim, o estereótipo do autor pode ter sido equivocados, em parte por suas obras e também por sua própria culpa, ao emitir juízos contundentes.

O autor, devido à sua transgressão, se enquadra no que Christian Ingo Lenz Dunker (2010: 4) denomina de *perversão ordinária* que, diferente da perversão clássica, “não se mostra como experiência ‘fora da lei’, que convidaria a ajustar as contas com os limites de nossa própria liberdade, mas, ao contrário, é mais pernicioso, pois reafirma nossa realidade assim como ela é”. Segundo o autor, “a transgressão, a exageração e a dissociação, tornaram-se aspectos decisivos de nosso laço social ordinário” (DUNKER, 2010: 4) e é isso que Nelson Rodrigues realmente buscou ao retratar as mazelas da família e da sociedade brasileira. Assim, nas obras rodrigueanas, em sua maioria, a realidade aparece situando a ação, sendo o grande foco a máscara social de suas personagens, desmascaradas ao longo da narrativa ou mantidas até o fim.

Sérgio Granja (2009), abordando a estética na escrita rodrigueana, mostra como o autor sentiu o preconceito no início de sua incursão no teatro, tendo, inclusive, embates, através dos jornais, com Oduvaldo Vianna Filho, o Vianninha. A principal contestação de Rodrigues era de que Vianninha era comunista e se preocupava mais com assuntos de Cuba do que com os do Brasil; já Vianninha acusava Nelson de reacionário e exaltador da marginalidade. Anos mais tarde, ambos reconheceriam o talento um do outro. Esse tipo de confronto, via jornais, não era novidade. Os jornalistas-escritores usavam de seu espaço para tecer críticas uns aos outros há algum tempo, como ocorreu com Machado de Assis e Lima Barreto, sintetizando a “rivalidade do escritor mais jovem com o escritor já laureado, do inadaptado com o socialmente bem-sucedido”; além disso, envolviam conflitos de “questões de recepção e crítica no período, quanto à posição que os autores escolheram para empreender a investigação crítica da sociedade brasileira” (OLIVEIRA, 2008: 159). Com Rodrigues e Vianninha ocorria o mesmo, o duelo entre o amoralismo e o moralismo, respectivamente.

Leda Maria Martins (2000: 78-79), afirma que a carga dramática das composições de Nelson Rodrigues reside nos afetos ou nos sentimentos que os manifestam. Para a autora, estes sentimentos são “ácidos, tenebrosos, excessivos” e “se coisificam nas personagens”, refletindo as pulsões mais íntimas dos sujeitos representados e com os “conflitos das subjetividades e das relações afetivas, na contemporaneidade, ecos de uma substância atemporal e material, própria do sujeito, em qualquer época”. Este último ponto demarca um dos principais aspectos da obra rodrigueana – sua atualidade –, visto que estava à frente de seu tempo, trazendo um novo paradigma para as relações

familiares e amorosas, o que chocou a sociedade da época e revelou as suas mazelas, ainda presentes na sociedade contemporânea. Essa atualidade dos temas rodrigueanos é reforçada na seguinte constatação:

[...] esta produção encontrava-se e ainda se encontra, mesmo depois de mais de cinquenta anos da sua primeira publicação, no mínimo, em sintonia com nossa cultura, pois se Nelson Rodrigues não tivesse sido bem sucedido, ou então, se esta obra tivesse passada despercebida [*sic!*] e indiferente, não existiria nenhuma comunicação possível com a mesma, uma vez que, comunicar é mais do que informar, exige reciprocidade (VITORELLO, 2005: 2).

Deste modo, fica evidente o aprofundamento no imaginário brasileiro empreendido por Nelson Rodrigues, com sua abordagem histórico-cultural dos usos e costumes, em relação às posturas morais e sexuais no Brasil, ou melhor, às transgressões, que, aparentemente, estariam despercebidas nos dias atuais de permissividade; porém, Victor Hugo Adler Pereira (1999) denuncia que, com a popularidade da obra de Nelson Rodrigues, privilegiaram-se apenas alguns aspectos da mesma, fazendo com que o público tenha uma visão caricatural, deixando à margem, o humor-negro e a crítica social, o que ofusca a riqueza dramática, que transitaria por vários gêneros, mas não poderia ser enquadrada em nenhum deles com exatidão. Quanto à estilística, Pereira (1999: 185) afirma que Nelson Rodrigues “conjugou a desconstrução dos clichês e ao desfile das máscaras sociais cotidianas, para instituir o clima de farsa moralizante, perante a insensatez do mundo”. Segundo Maria Inez Martinez de Rezende (2005: 1), o mérito de Nelson Rodrigues foi que ele “soube combinar o lado obscuro da vida, o lado trágico da existência com o cômico de forma extraordinária, provocando impacto às massas”.

Rezende (2005: 1) reforça a importância da obra literária de Nelson Rodrigues que, segundo ela, é constantemente adaptada para o cinema e a televisão, desde os anos 50 até os dias atuais, o que lhe confere o posto de “autor vivo na nossa cultura”. Nelson Rodrigues, segundo a autora, causa um estranhamento que vai do asco à compaixão.

Com a vida dedicada ao jornal, segundo Edward Pimenta (2007: 30), o autor conviveu com intelectuais e “suas colunas e crônicas misturavam literatura, colonialismo social, crítica literária e comentários políticos”; essa estreita ligação também influenciou sua escrita. Deste modo, segundo Nilson Lage (1986), dentre as características da linguagem jornalística e que podem ser encontradas no texto rodrigueano, estão: o uso de palavras e expressões passíveis nos registros coloquiais e formais; a objetividade; a empatia; a presença do comum e do

casual; do referencial; da metalinguagem e da tendência à redundância, à estereotipia e ao metadiscorso (referente a outros discursos sociais). Quanto ao estilo jornalístico, utiliza-se de: frases curtas e simples; evitando-se as intercalações excessivas (apostos, travessões e parênteses), as locuções verbais e a ordem direta nas frases; entretanto, faz uso de ambiguidades e das repetições, mas, de forma comedida, apenas para contribuir com a percepção e memorização das informações do texto (MEDINA, 1988). Assim, habituado com a escrita jornalística, que propõe criar o melhor texto, no menor tempo possível, ocupando o menor espaço e, com criatividade, Rodrigues escreveu *A vida como ela é...*, sob a forma de histórias curtas, com personagens intensas, frases de impacto, linguagem simples e direta, incorporando gírias e frases populares, o que fez os leitores mais sofisticados virarem a cara para essa narrativa.

Questionando sobre o porquê de não haver outros cronistas como Nelson Rodrigues, Pimenta (2007: 35), aponta como possíveis razões o fato de que, na época, o Brasil era menos desenvolvido e tudo se concentrar na capital federal, o Rio de Janeiro. Aí, se reunia toda a intelectualidade brasileira; além disso, indica que a imprensa escrita possuía muita influência e que, atualmente, “os intelectuais não têm mais a pretensão de resumir o país em idéias básicas”. Por fim, o autor conclui: “os gênios são mesmo raros” (PIMENTA, 2007: 35).

O olhar rodrigueano sobre seu tempo

Para entender a época, na qual se insere o livro e a série, é preciso contextualizar a década de 50 do século XX, também conhecida como *Anos Dourados*, por ter sido marcada por grandes avanços científicos, tecnológicos, mudanças culturais e comportamentais; assim, o que se via no mundo, neste período, segundo Cláudio Vicentino (1996), era o início da guerra fria, com o estabelecimento dos Estados Unidos como grande potência e a divisão do mundo em dois grandes blocos: capitalistas e socialistas. No Brasil, este momento foi de grandes transformações:

[...] No período compreendido entre 1946 e 1964, verificou-se, internamente, o confronto político entre os nacionalistas e os grupos favoráveis à abertura da economia nacional ao capital estrangeiro. Impôs-se o alinhamento e a dependência brasileira ao bloco liderado pelos Estados Unidos. (VICENTINO, 1996: 114)

Estas decisões modificaram tanto a economia quanto a própria sociedade brasileira, que passou a ser influenciada pelo *american way of life*. Em 1946, durante o governo de Eurico Gaspar Dutra, foi promulgada a nova Constituição Brasileira, que restaurou a democracia, dando autonomia aos Estados e Municípios e proporcionando a abertura ao

capital estrangeiro. Getúlio Vargas, entretanto, voltou ao poder, em 1951, e, segundo o autor, pregou uma ideologia nacionalista; assim, restringiu as importações e limitou os investimentos estrangeiros. Em 1952, criou o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico) e, em 1953, a Petrobrás, empresa estatal detentora do monopólio de exploração e refino de petróleo no Brasil. Sobre este período, Pilletti (1993) comenta:

Às graves dificuldades econômicas enfrentadas pelo país – inflação, aumento do custo de vida, livre-importação de artigos supérfluos, diminuição de nossas divisas etc. – e às greves por melhores salários que essas dificuldades desencadearam, Getúlio deu uma resposta considerada populista: aumentos salariais [1954]. Foi, por isso, acusado de pretender instalar uma República Sindicalista e começou a sofrer forte oposição no Congresso [...]. (PILLETTI, 1993: 163)

O desencadeamento destes fatos fez com que, neste mesmo ano, Getúlio Vargas se suicidasse frente à sua iminente deposição. Porém antes, deixou sua famosa carta-testamento e marcou a história do país, pois “[...] sempre exercera uma política populista e paternalista. A sua imagem de pai e amigo do povo garantia-lhe um certo prestígio popular” (PILLETTI, 1993: 163).

O último presidente eleito, na década de 1950, foi Juscelino Kubitschek de Oliveira, que governou o país de 1956 a 1961 e, segundo Vicentino (1996), foi um período marcado pelo desenvolvimento, que se ancorava num *Plano de Metas*, cujo lema era “avançar ‘50 anos em 5’”; com isso, houve uma abertura econômica ao capital estrangeiro e muitas ações:

Dentre as inúmeras realizações destacam-se: a instalação de fábricas de caminhões, tratores, automóveis, produtos farmacêuticos, cigarros; a construção das usinas hidrelétricas de Furnas e Três Marias; a pavimentação de milhares de quilômetros de estradas etc. Porém, sua maior obra foi a construção de Brasília, a nova capital do país [...]. (VICENTINO, 1996: 116)

Contudo, todas estas realizações do governo acabaram produzindo uma séria crise financeira e uma inflação descontrolada; além disso, o país tornara-se dependente economicamente dos Estados Unidos. A partir desta contextualização, pôde-se notar que esta época foi de efervescência político-econômica para o país, o que gerou mudanças sociais profundas.

Nesta época, o *Cruzeiro* era a moeda corrente e o Rio de Janeiro era a capital federal e continuou assim até a inauguração de Brasília, em 1960, por Juscelino Kubitschek, ou seja, era a cidade que ditava modos e modas para todo o Brasil. Com relação à moda, era o

período pós-guerra, que inaugura o *new look*, de *Christian Dior*, em que as pessoas se vestiam de maneira elegante, com o apogeu da alta-costura, destacando-se, além de *Dior*, *Balenciaga*, *Givenchy*, *Balmain*, *Chanel*, *Madame Grès* e *Nina Ricci*. Assim, as mulheres se vestiam de forma feminina e romântica, com roupas bem estruturadas, tecidos nobres, vestidos rodados, cinturas marcadas, pérolas e maquiagem *glamourosa*, com destaque para os olhos; entre os homens, prevalecia o uso de ternos, lenços, gravatas, camisas, sapatos lustrados e cabelos alinhados. Segundo Cláudia Garcia, dois estilos de beleza feminina marcaram este período:

[...] o das ingênuas chiques, encarnado por Grace Kelly e Audrey Hepburn, que se caracterizavam pela naturalidade e jovialidade e o estilo sensual e fatal, como o das atrizes Rita Hayworth e Ava Gardner, como também o das *pin-ups* americanas, loiras e com seios fartos. Entretanto, os dois grandes símbolos de beleza da década de 50 [do século XX] foram Marilyn Monroe e Brigitte Bardot, que eram uma mistura dos dois estilos, a devastadora combinação de ingenuidade e sensualidade.¹³

Entre os homens, destacavam-se James Dean, Marlon Brando, Elvis Presley, dentre outros. Na música, ouviu-se de tudo: o rock americano, com Elvis Presley e, mais tarde, os Beatles (que nasceram nessa década) e a Bossa Nova (no final da década). Segundo José Maria Campos Manzo (1994), ouviam-se também músicas carnavalescas; mas, sem dúvida nenhuma, o que mais fez sucesso neste momento foi o samba-canção ou a popular *música de fossa*, estilo da MPB que se misturava com o bolero, tendo como representantes, desde Lupicínio Rodrigues a Maysa. Um fato observado com relação à música, em especial, o samba-canção, é que os seus temas preferidos, segundo o site do SESC-SP, “giravam em torno de terríveis traições, ciúme enlouquecedor, desejo de vingança e desilusão”,¹⁴ assim como era a temática das crônicas rodrigueanas.

O cinema também está presente, nesta década, com a *Nouvelle Vague* francesa, o Neo-realismo italiano, os musicais e os filmes de *gângsteres* do cinema americano; no Brasil, era a época da *Chanchada* e das produções da *Vera Cruz*, que buscavam um padrão *hollywoodiano* de qualidade. A televisão também chegou ao Brasil, em 1950, inserindo um novo modo de entretenimento e tornando-se muito popular, inclusive mais que o cinema, isso no fim dos anos 50.

¹³ Informação extraída do site *Almanaque Folha – Especial Moda (Anos 50: a época da feminilidade)*. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>>. Acesso em: 31 maio 2010.

¹⁴ *PORTAL SESC SP. Corações Dilacerados*. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=247&Artigo_Id=3862&IDCategoria=4252&refstype=2>. Acesso em: 21 nov. 2008.

Assim, com o desenvolvimento da sociedade e da economia, foi possível a consolidação e a diferenciação dos espaços ou “universos” sociais, “cuja origem coincidiu com o surgimento da era moderna” (ARENDDT, 2007: 37); estes eram bem demarcados pelas personagens rodrigueanas, já que, no espaço público, era permitida e tolerada a “violação moral”, com o domínio do imoral, do permitido. Já o privado, era visto como um refúgio, encabeçado pela família nuclear, com os valores morais exaltados. Assim, as esferas – pública e privada –, eram pensadas como espaços da *polis* e da família, respectivamente, cujas diferenças se davam “pelo fato de [na *polis*] somente conhecer ‘iguais’, ao passo que a família era o centro da mais severa desigualdade” (ARENDDT, 2007: 41).

Segundo Richard Sennett (1998), com a ascensão da burguesia, o espaço público passou a ser compreendido como um ambiente longe da família e dos amigos íntimos; esse local se concentrava na cidade, em que classes sociais díspares estariam em contato constante.

[...] À medida que as cidades cresciam e desenvolviam-se, redes de sociabilidade, independentes do controle real direto, aumentaram os locais onde estranhos podiam regularmente se encontrar. Foi a época da construção de enormes parques urbanos, das primeiras tentativas de se abrir ruas adequadas à finalidade precípua de passeio de pedestres, como uma forma de lazer. Foi a época em que cafés (*coffehouses*) e, mais tarde, bares (*cofes*) e estalagens para paradas de diligências tornaram-se centros sociais; época em que o teatro e a ópera se abriram para um grande público graças à venda aberta de entradas, [...] até mesmo as classes laboriosas começaram a adotar alguns hábitos de sociabilidade, como passeios em parques, antes terreno exclusivo da elite, caminhando por seus jardins privativos ou ‘promovendo’ uma noite no teatro (SENNETT, 1998: 32).

Assim, houve reconfigurações, que mudaram os espaços de sociabilidade. Portanto, os *Anos Dourados* representaram uma fase de transição, especialmente, política, econômica e cultural, mas isso não significou a mudança de comportamentos sócio-moralizantes impostos pela sociedade. Deste modo, na década de 50 do século XX, a sociedade brasileira era pudica e Nelson Rodrigues a chocou por tê-la exposta de forma tão destemida, especialmente, com relação aos vínculos familiares; isso era inadmissível, pois consideravam que isso influenciaria as pessoas, seus leitores, a terem comportamentos destoantes e uma nova percepção sobre o universo que os circundavam, sem tantas máscaras. Outra consideração importante sobre a sociedade carioca na época é enfatizada por Ruy Castro (1992):

[...] Uma cidade em que *casanovas* de plantão e mulheres fabulosas flertavam nos ônibus e bondes; em que poucos tinham carro [...]; em que os vizinhos vigiavam-se uns aos outros; e em que maridos e mulheres viviam sob o mesmo teto com primas e os cunhados, numa latente volúpia incestuosa. Uma cidade em que, como não havia motéis, ou encontros amorosos se davam em apartamentos emprestados por amigos – donde o pecado, de tão complicado, tornava-se uma obsessão. E uma época em que a vida sexual, para se realizar, exigia o vestido de noiva, a noite de núpcias, a lua-de-mel.¹⁵

Logo, se percebe o uso do espaço público como meio de interação e de conquista, ou seja, na obra rodrigueana, as esferas pública e privada estão bem presentes e o que o autor almeja é dar visibilidade ao que está escondido, ao privado.

Adriana Facina (2004), examinando a produção de Nelson Rodrigues, de forma etnográfica, buscou sua atuação pública como artista e intelectual, a fim de verificar o poder de suas representações na construção da identidade carioca e brasileira; assim, a autora descreve os sucessos iniciais de suas produções, para depois, mostrar as críticas negativas, que lhe renderam adjetivos nada agradáveis; este ciclo é quebrado, segundo Facina (2004), com *A vida como ela é...* Anos mais tarde, suas obras são amplamente encenadas e filmadas, consagrando-o. A autora ainda traça um comparativo entre Nelson Rodrigues e Gilberto Freyre, a partir da família e das relações de parentesco, denunciando a preocupação de ambos com a modernização da sociedade e a destruição da família. Depois, a autora se debruça sobre a representação do Rio de Janeiro na obra rodrigueana, evidenciando a oposição entre as zonas da cidade. Facina (2004) também propõe uma *antropologia rodrigueana*, baseada na idéia de que as produções de Nelson Rodrigues visam à natureza humana, sendo diferentes para homens e mulheres.

Para Nelson Rodrigues, todos os homens têm em si duas metades, uma ‘face linda’ e outra ‘face hedionda’ [...], eram os santos e os canalhas. Os santos, além de bons e virtuosos, eram caracterizados pela renúncia aos instintos que Nelson considerava desumanizadores e por uma existência pautada em um forte sentido ético-moral. Já os canalhas eram seres amorais por excelência, que não reconheciam limites para a satisfação de seus desejos pessoais, assumindo uma posição relativista no que diz respeito aos valores éticos e morais reconhecidos pela sociedade (FACINA, 2004: 15-16).

A autora termina seu estudo visualizando o romantismo na obra rodrigueana, como crítica à razão e à modernidade. Sergio Granja (2009) traçando um comparativo entre Balzac e Nelson Rodrigues, afirma que, ambos, criticavam o mundo burguês e o individualismo, ao promoverem as relações sociais, a partir de trocas mercantis. Para Leandro Konder (2007: 3), “Balzac viu [...] a burguesia desencadeando a ofensiva que viria a produzir efeitos profundos na sociedade”; já Adriana Facina (2004: 84) acredita que Nelson Rodrigues “percebe o mundo moderno como um momento histórico em que algo se rompeu [...], ameaçadas pela fragmentação e pela alienação”. Além disso, esses autores eram mestres na composição de personagens femininas, como exemplo, Konder (2007) cita Julie d’Aiglemont, de *A Mulher de 30 Anos*, obra de Balzac, como personagem questionadora de sua condição: “Nós, as mulheres, somos mais maltratadas pela civilização do que pela natureza [...]. Tal como hoje existe, na prática, o casamento me parece ser uma prostituição legal” (BALZAC apud KONDER, 2007: 2). O autor lembra que no período desta obra, “as mulheres [se] casavam cedo, uma moça com mais de 25 anos era considerada ‘enclhada’” (KONDER, 2007: 4).

As mulheres que povoam os livros de Balzac são, muitas vezes, criaturas fascinantes. O romancista enxerga nelas a valente reação contra a subordinação da vida amorosa a motivações utilitárias, a critérios mercenários. O amor – o sentimento nobre por excelência – só consegue espaço, na sociedade burguesa, assumindo formas mais ou menos degradadas. As figuras de mulheres frágeis, mas corajosas, criadas por Balzac não se conformam com isso. (KONDER, 2007: 3)

Assim foi, com Balzac, que a literatura valorizou a mulher de trinta anos, chamada de *balzaquiana*. Já a mulher rodrigueana, é contestadora e dribla as regras sociais, a fim de se revelar. O texto rodrigueano também reflete os ideais dos escritores modernos, cujo movimento dominou a cena artística e a sociedade brasileira na primeira metade do século XX, por sua tragicidade, vanguardismo e “pela tomada de posição do artista em face do estado de coisas do mundo que o cerca” (LOPES, 2007: 50). Além disso, Nelson Rodrigues carregava resquícios do realismo, movimento do século XIX, sendo possível compará-lo a Gustave Flaubert, Machado de Assis, Eça de Queiroz, Balzac e Arthur de Azevedo, por tecer críticas à sociedade e às suas instituições. Ademais, o erotismo está muito presente em sua obra; este traço realista, típico do século XIX, está presente em obras como *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz.

Possivelmente inspirado na tragédia grega, o autor também a trouxe para a sociedade carioca do século XX, com seus dramas e conflitos sociais, capazes de causar

¹⁵ Informação extraída da “orelha” do livro RODRIGUES, Nelson. *A vida como ela é...: o homem fiel e outros contos*. Seleção de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

um efeito catártico de sentimentos, tanto negativos quanto positivos. Ao destacar que a obra rodrigueana é trágica, Lopes (2007: 110) conclui que é também moderna, pois suas personagens retratam a “opressão em nível individual e social – de nossos desejos mais profundos”. Entendendo o trágico “como o desenrolar de um conflito insolúvel”, marcado pela fatalidade do destino, com as histórias sendo baseadas em “clichês de tragédia”, como o incesto, os assassinatos e as vinganças, mescladas com o futebol, a crença religiosa, etc., trazidas do cotidiano e “apresentados em estado bruto”, a autora conclui que Nelson Rodrigues não realiza tragédias, não “num sentido estrito e acadêmico -, mas sim uma obra teatral moderna que tem ‘o poder de criar a vida e não imitá-la’” (LOPES, 2007: 223-230).

Acerca do olhar de Nelson Rodrigues sobre seu tempo, efetivamente, pode-se dizer que, como o texto/obra possui a capacidade de entrecruzar o presente e o passado que lhe constitui, podendo ser considerado elemento da memória e da cultura, retratando o temporal e o atemporal, a obra rodrigueana compreende esta proposta, pois foi mal compreendida a seu tempo e aclamada/valorizada na atualidade, por trazer à discussão temas que não se situam unicamente num período, mas que são inerentes ao ser humano em sociedade. Da mesma forma, cabe lembrar que o vínculo com o passado está presente na obra do autor, pelo uso do nome de personalidades em suas histórias, bem como pelo de expressões típicas do período em questão; em seu aspecto atemporal, está a sua temática, sempre atual.

Sobre o fato de Nelson Rodrigues se dedicar à temática familiar, Elódia Xavier (2007: 119) verifica que “[...] a família é [...] um tema que se impõe àqueles(as) que se interessam pela problemática feminina, seja ela abordada pelos mais diferentes campos do saber”. Num retrocesso acerca do conceito de família, Xavier (2007), nos mostra que ela teve origem entre os romanos, porém, não encerrava a mesma concepção de hoje, pois, pertencer à família entre os romanos era fazer parte dos escravos; entretanto, com o tempo, isso foi mudando e passou a denotar um *chefe* (homem) que mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e os escravos, com prerrogativa legal para decidir sobre a vida e a morte destes.

Outro ponto bastante interessante abordado por Xavier (2007) é que, a partir do Modernismo, a Literatura brasileira passou a representar os conflitos familiares, especialmente, a família nuclear burguesa, que foi dessacralizada: “[...] a família nuclear burguesa, aquela considerada pela Igreja, a ‘célula *mater*’ da sociedade, vem sendo representada de forma multifacetada, mas, quase sempre, com o intuito de desvelar a falência de seus valores” (XAVIER, 2007: 125). E é sob esta perspectiva que entendemos a constante presença da família e as

relações daí advindas na obra de Nelson Rodrigues. Muito além de tratar das deficiências e fragilidades desses laços, o autor volta-se, constantemente, para uma visão feminina, pois desconstrói os papéis ordenados pela família nuclear, trazendo de certa forma, uma mulher subversiva, que revela seus poderes de diferentes formas. Portanto, entender a escrita do autor como *machista* é reducionista, visto que, traz para o centro das discussões as relações de poder presentes na família brasileira e uma mulher à frente de seu tempo, como se anteviesse a mulher moderna ou pós-moderna, independente e dona de si, de hoje.

Referências

- ARENDR, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. Posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- DIÁRIO DO GRANDE ABC. *A separação há 50 anos (18/05/2008)*. Disponível em: <<http://www.dgabc.com.br/Columnists/Posts/28/131/A%20separa%C3%A7%C3%A3o%20h%C3%A1%2050%20anos.aspx>>. Acesso em: 03 jul. 2010.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Dossiê – Perversão (2010). In: *REVISTA CULT*. ed. 144. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/dossie-perversao/>>. Acesso em: 16 maio 2010.
- FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- GARCIA, Cláudia. *Almanaque Folha – Especial Moda (Anos 50: a época da feminilidade)*. Disponível em: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>>. Acesso em: 31 maio 2010.
- GRANJA, Sergio. *A estética na crônica de Nelson Rodrigues (2009)*. Disponível em: <<http://www.socialismo.org.br/portal/critica/1344-a-estetica-na-chronica-de-nelson-rodrigues>>. Acesso em: 17 maio 2010.
- KONDER, Leandro. *Balzac e o amor (2007)*. Disponível em: <http://www.lainsignia.org/2007/junio/cul_041.htm>. Acesso em: 27 maio 2010.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- LOPES, Angela Leite. *Nelson Rodrigues: trágico, então moderno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- MANZO, José Maria Campos. *A História da música de Carnaval – Fase elétrica*. (Janeiro de 1994). Disponível em: <http://www.collectors.com.br/CS06/cs06_03fe.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2008.
- MARTINS, Leda Maria. A fatalidade do desejo – Senhora dos afogados, de Nelson Rodrigues. In: *REVISTA ALETRIA*, Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (pós-lit). Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_07/ale07_imm.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2010.

- MAZZINI, Leandro. *Um papo com Elza Bretanha, mulher de Nelson Rodrigues* (Entrevista realizada em 2000). Disponível em: <http://www.leandromazzini.com.br/ent_10.php>. Acesso em: 01 jun. 2010.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia: um produto à venda*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- OLIVEIRA, Irenísia Torres de. Pensando as críticas de Lima Barreto a Machado de Assis. In: *Revista da Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (Anpoll)*. Disponível em: <<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/view/23/11>>. Acesso em: 27 maio 2010.
- PEREIRA, Victor Hugo Adler. *Nelson Rodrigues e a obs-cena contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.
- PIMENTA, Edward. Por que não temos mais um cronista como Nelson Rodrigues. In: *Revista Bravo!*, São Paulo: Editora Abril, ano 10, n. 118, jun. 2007.
- PORTAL SESC SP. Corações Dilacerados. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/revistas_link.cfm?Edicao_Id=247&Artigo_ID=3862&IDCategoria=4252&reftype=2>. Acesso em: 21 nov. 2008.
- RELEITURAS – BIOGRAFIA DE NELSON RODRIGUES. Disponível em: <http://www.releituras.com/nelsonr_bio.asp>. Acesso em: 20 dez. 2008.
- REZENDE, Maria Inez Martinez de. *A vida como ela é... Problemas de análise de um enunciado sincrético*. Disponível em: <<https://www.gel.org.br/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/a-vida-como-ela-e-523.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bce561e1c641326fd16c>>. Acesso em: 20 dez. 2008.
- RODRIGUES, Nelson. *Teatro completo*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. Teatro desagradável. In: *Dionysos*, Rio de Janeiro: SNT-MEC, n. 1, p. 16-21, out. 1949.
- SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araujo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- VICENTINO, Cláudio. *História Memória Viva: Brasil Período Imperial e Republicano*. 7. ed. São Paulo: Scipione, 1996.
- VITORELLO, Daniel Migliani. *A Outra cena em “A vida como ela é” (2005)*. Disponível em: <http://www.estadosgerais.org/encontro/IV/PT/trabalhos/Daniel_Migliani_Vitorello.pdf>. Acesso em 12 abril 2008.
- XAVIER, Elódia. A família pelo olhar da escritora brasileira. In: CARDOSO, Ana Leal; GOMES, Carlos Magno (orgs.). *Do imaginário às representações na literatura*. São Cristóvão: Editora UFS, 2007.
- ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. *A vida como ela é...: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200016&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 abr. 2008.

Recebido: 30 de agosto de 2010
 Aprovado: 30 de maio de 2011
 Contato: sandra.sacramento@pq.cnpq.br
shirley.cardoso@gmail.com